

O Globo – 24/11/2007

Madeira: Eletronorte entrará sozinha

Subsidiária não formará consórcio. Decisão pode ser questionada na Justiça

Gustavo Paul, Mônica Tavares e Ramona Ordoñez

BRASÍLIA e RIO. O governo surpreendeu ontem as empresas interessadas no leilão da usina de Santo Antônio, no Rio Madeira, ao determinar que a Eletronorte dispute sozinha, sem parceiro privado, a licitação marcada para 10 de dezembro. A decisão, segundo uma importante fonte do governo, foi tomada pelo grupo Eletrobrás de última hora, ainda ontem. Para analistas, a decisão evidencia a estratégia governamental de ter à mão uma empresa para forçar a redução das tarifas cobradas durante os lances do leilão, o que será o parâmetro para decidir o vencedor.

A participação solitária da estatal pode levantar questionamentos judiciais. Um empresário de um grupo que vai participar do leilão disse que o setor estatal só pode entrar no empreendimento com 49%, o que invalida a participação da Eletronorte da forma anunciada.

Até quinta-feira era dado como certo um consórcio entre a Eletronorte e a espanhola Alusa. Nenhuma autoridade do setor quis se manifestar sobre o tema. A Eletronorte disse apenas que a decisão é estratégica.

A lista dos grupos interessados no leilão foi divulgada pela Comissão Especial de Licitação da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Apresentaram documentos quatro consórcios e a Eletronorte. Subsidiárias da Eletrobrás estão em três consórcios.

O consórcio Madeira Energia conta com Furnas e Odebrecht. O Energia Sustentável do Brasil é formado por Suez Energy South America e Eletrosul. Já o Ceisa tem Camargo Correa, Endesa, Chesf e CPFL. A Alupar, do grupo Alusa, lidera o Norte Energia.

Segundo analistas, cada estatal tem uma característica capaz de torná-la atraente. A Eletronorte, apesar do prejuízo de R\$349 milhões em 2006, teria experiência na construção de hidrelétricas no Norte. Mas o orçamento de investimento aprovado para a companhia em 2008 é de R\$575 milhões, abaixo dos R\$962 milhões da Chesf e do R\$1,142 bilhão de Furnas. Apenas a Eletrosul tem orçamento menor, de R\$440 milhões.

Para investidores privados, a decisão do governo contraria o discurso oficial, cheira a reestatização e pode representar concorrência desleal.

- Não vejo racionalidade - disse o presidente do **Instituto Acende Brasil, Claudio Sales**.

- Uma estatal não tem compromisso com taxas de retornos e poderá jogar o valor da tarifa para baixo. A questão é saber se vão conseguir tornar a obra viável - diz um investidor.

O presidente da CPFL, Wilson Ferreira Júnior, porém, disse que não está preocupado. Para ele, o projeto terá custos elevados e, por isso, é fundamental a participação da estatal no grupo:

- Foi mantida a competição. A expectativa é boa.